

Mitos e tradições da Escola Politécnica de São Paulo

Aluna: Juliana Fernandes Lança

Programa: Institucional FEUSP

Orientador: Prof. Dr. Bruno Bontempi Júnior

Resumo

Este relatório final, referente à pesquisa de Iniciação Científica “Mitos e tradições da Escola Politécnica de São Paulo”, está articulado ao projeto “O espírito decretado e os outros espíritos: tradições e mitologias conflitantes na Universidade de São Paulo (1934-1968)”, coordenado pelo Prof. Dr. Bruno Bontempi Jr. (FEUSP/CNPq/FAPESP). Nosso projeto de Iniciação Científica tem como principal objetivo compreender a visão que os gestores, professores e estudantes da Escola Politécnica tinham de si mesmos e de sua importância para a sociedade. Para esta compreensão foram identificadas, reunidas e interpretadas as falas mais significativas a respeito dessas representações nos discursos de pananinfos, oradores e diretores registrados nos anuários de 1900 a 1947, último ano em que publicado tais anuários, com a exceção dos anuários de 1913 a 1931 e 1939 a 1945, período em que não houve publicação.

Palavras-chave: Escola Politécnica de São Paulo; engenheiros; mitos; tradições.

Introdução

A presente pesquisa de Iniciação Científica, apresentada no SIICUSP, se insere no projeto “O espírito decretado e os outros espíritos: tradições e mitologias conflitantes na Universidade de São Paulo (1934-1968)”, liderado pelo Prof. Dr. Bruno Bontempi Jr. (FEUSP/CNPq/FAPESP), tendo como objetivo inventariar e analisar as tradições e mitologias conflitantes das escolas que compuseram a Universidade de São Paulo, a partir da sua fundação, em 1934, até a reforma universitária de 1968.

O projeto maior que engloba esta pesquisa gira em torno do desvendamento e interpretação das tradições, mitos, símbolos e efemérides que foram surgindo e sendo mantidos ao longo do tempo, bem como da análise de como essas tradições e mitos se refletem na imagem do profissional formado, na instituição e em seus membros. Este projeto tem como objetivo reunir e inventariar esses tópicos nos documentos das faculdades que constituíram a USP, analisando-os de acordo com o seu surgimento, fatores históricos e rivalidades para com o “espírito universitário”, além de formular hipóteses sobre o peso das divergências para a autoimagem profissional e sobre a ideia do papel da universidade.

Transcrições de discursos, atas de conselhos universitários, reuniões de congregação, decretos, edições comemorativas, periódicos, publicações, reportagens e editoriais serviram como fontes principais para se obter os objetivos instituídos na pesquisa. Para isso, utilizaram-se os seguintes procedimentos: busca e reprodução dos documentos, bibliografias e estudos sistemáticos sobre a história da universidade, produção de um inventário dos elementos componentes das tradições e mitologias das diferentes escolas e análise articulada dos conjuntos simbólicos.

O plano de trabalho desenvolvido nessa Iniciação Científica se ocupou dos mitos e tradições inventados e cultivados na Escola Politécnica de São Paulo, fundada em 1894 e incorporada à USP em 1934. Este relatório, aqui descrito, pretende apresentar o trabalho a partir da análise de duas categorias:

1) Identidade Mítica: Símbolos que caracterizam os politécnicos como homens especiais;

2) Progresso e Ciência: Qual a importância dos engenheiros para a sociedade, podendo analisar a concepção que os gestores, professores e estudantes de engenharia da Escola Politécnica tinham de si e de sua importância para a sociedade.

Portanto, esta pesquisa de iniciação científica supriu o projeto principal em relação àquilo que se refere a Escola Politécnica de São Paulo, por meio da coleta e análise de dados dessa instituição, desde os anos iniciais de sua fundação aos tempos iniciais da Universidade de São Paulo.

O material utilizado para a realização da pesquisa foram os discursos de professores, oradores, paraninfos, diretores, dentre outros, encontrados nos anuários da Escola Politécnica de São Paulo, dos anos de 1900 a 1912 e dos anos 1932 à sua última edição em 1947, localizados no arquivo histórico da Escola; entretanto, faz-se necessário saber que durante os anos de 1913 a 1931 e 1939 a 1945 não houve sua publicação por parte da Escola. Mais especificamente, foram analisados, 6 discursos de paraninfos, 11 discursos de oradores de turma, 4 discursos de diretores e 20 discursos de outros presentes, encontrados em 21 anuários.

Com as transformações ocorrentes em São Paulo nas últimas décadas do século XIX e no início do século XX (crescimento populacional, imigração, implantação de fábricas, adoção do trabalho assalariado, construção de ferrovias, etc.) surge, por iniciativa das elites liberais urbanas, a Escola Politécnica. Fundada em 1893, tinha como objetivo atender à demanda de uma educação superior coerente com o crescimento industrial do estado e do país. Desde os primórdios de sua criação, a Escola Politécnica estabeleceu uma interface com o mundo político, o qual era interesse proeminente de seus docentes e discentes, nas múltiplas relações que esses estabeleciam com a cidade (SOUZA, 2006: 04).

Em seus primeiros anos, a Escola Politécnica de São Paulo formava engenheiros civis, engenheiros arquitetos, engenheiros agrônomos e engenheiros industriais (NAGAMINI e MOTOYAMA, 1996: 193), indicando, com isso, que a escola veio atender a demanda emergente da industrialização nacional.

A Escola Politécnica de São Paulo foi criada pela lei no 191, de 24 de agosto de 1893, estando previstos no seu primeiro regulamento os cursos de engenharia, nas áreas de: civil, industrial e agrícola, e um curso anexo de artes mecânicas. Logo no ano seguinte, seu segundo regulamento ampliou esse quadro para engenharia, com as áreas de: civil, arquitetura, industrial e agrícola, e um curso anexo de artes mecânicas, além de conferir os títulos de contador agrimensor e maquinista para aqueles alunos que concluíssem apenas parte dos cursos propostos. Dentre essas qualificações, o engenheiro civil era o que já possuía algum reconhecimento social, com um universo amplo de atuação na área de obras públicas, como saneamento ou na construção de dependências administrativas, e em obras particulares, como a construção de residências ou escritórios. (SOUZA, 2006: 08).

Como aponta Alves (1996: 68), as Escolas Politécnicas desempenham um papel fundamental na legitimação do engenheiro por meio do cultivo e transmissão do saber científico e pelo grau superior de engenheiro, concedido pelo Estado, pois são os profissionais oriundos dessas escolas que passam a buscar o reconhecimento jurídico de sua ação profissional. Além de engenheiros, especialistas práticos, essas escolas pretendiam formar politécnicos, de cultura geral e saber enciclopédico, constituindo uma categoria sociologicamente consistente e que pudesse servir como instância identificadora (ALVES, 1996: 68). Souza (2006: 6), em sua tese, relata que a engenharia é uma expressão da cultura e a cultura é uma expressão genuinamente humana que se constrói ao longo do tempo, ou melhor, no tempo, no exato instante em que o homem é ele mesmo. Com a necessidade de melhorar a infraestrutura do país, o conhecimento das engenharias passou a ser considerado muito importante para o progresso, fator que colaborou para o aumento crescente de um *status* social e econômico para as instituições e os profissionais dessa área.

No Brasil, os últimos decênios do século XIX foram marcados pelo reconhecimento da necessidade de “modernização” do país por parte de alguns grupos sociais dominantes (SILVA, 2009: 70). A partir disto, o engenheiro surge com o papel fundamental de melhorar a sociedade, de gerir o progresso, elevando a indústria nacional ao nível europeu, portanto, enquanto

detentor de um saber tecnológico, passou a ter função de destaque no processo produtivo e na estrutura capitalista (SILVA, 2009: 80).

Em síntese, a função primordial do engenheiro, naqueles tempos desejosos de modernidade, resumiu-se ao aprimoramento dos transportes e vias de comunicação e à preocupação com as questões urbanas. Muitas vezes, o cumprimento do seu papel significava a participação direta na política, mas a “boa política”, pois, como se afirmava, sua imposição à sociedade tinha por base demonstrar a exatidão das soluções científicas: “Nossa disciplina assenta-se na convicção da justeza das leis científicas que rege serenamente toda atividade pacífica.” Por isso mesmo, deveriam ser respeitados, pois sua formação lhes permitia, mais do que qualquer outra, saber qual o meio eficaz para encaminhar as questões ligadas ao progresso e à modernidade.

Desde o início, a Escola Politécnica via-se como uma instituição que visava fornecer homens formados para o progresso, que teriam a missão de fazer evoluir a Pátria. Esses estudantes de engenharia eram os “guerreiros” da nação, que iriam trazer o progresso para o Brasil, com a função de dirigir e comandar a sociedade.

A principal problemática abordada pelo ensino da Escola Politécnica é a sociedade na qual ela está inserida, para onde os dirigentes responsáveis por sua conduta, que podem não ser propriamente o seu diretor e a Congregação, orientam, norteiam e propõem sua estrutura curricular, por meio das reformas em seu regulamento. Na proposição desse ensino está presente a trilogia passado, presente e futuro, pois a estrutura de seus conhecimentos tem raízes no passado (SOUZA, 2006: 279).

Com a análise e o fichamento dos discursos de sessões de abertura (aulas inaugurais) e encerramento (formatura), reproduzidos nos anuários da Escola na década de 1900 e, também, guardados no arquivo histórico, podemos perceber que a visão de si mesmos e de sua importância para a sociedade entre os engenheiros e aspirantes parecia corresponder a tais demandas e expectativas, tendo sido delineada desde o início da fundação da Poli. A maioria dos discursos encontrados repete os mesmos valores, evocam os mesmos símbolos e tem uma mesma visão do papel e da importância dos

engenheiros para o país. Como será visto, consideravam que o seu trabalho levaria ao progresso da pátria, elevando a indústria nacional e contribuindo com obras, como estradas férreas, para o desenvolvimento econômico da nação.

Problema

Esta pesquisa tem como questão principal: Que visão os engenheiros e estudantes da Escola Politécnica tinham de si, de sua importância e da importância de sua profissão e qual sua missão para com o país?

Objetivos

A pesquisa tem como objetivo apresentar, por meio da análise de anuários da década de 1900, a visão que os estudantes de engenharia da Escola Politécnica de São Paulo tinham de si e de sua importância para a sociedade, dividindo-se, assim, em duas categorias norteadoras:

1) Identidade Mítica: Símbolos que caracterizam os Politécnicos como homens especiais;

2) Progresso e Ciência: Qual a importância dos engenheiros para a sociedade.

Metodologia ¹

Para a realização da pesquisa, foram analisados os discursos de professores, oradores, paraninfos e diretores, encontrados nos anuários da Escola Politécnica de São Paulo, dos anos de 1900 a 1912 e dos anos 1932 à sua última edição em 1947, localizados no arquivo histórico da Escola. Durante os anos de 1913 a 1931 e 1939 a 1945, não houve publicação dos anuários por parte da Escola Politécnica de São Paulo.

Sendo assim, foram analisados vinte e um anuários, que continham, ao todo, seis discursos de paraninfos, onze discursos de oradores de turma,

¹ Para consultar a lista dos anuários e discursos analisados, ver anexo 1.

quatro discursos de diretores e vinte discursos de outros presentes nas cerimônias de graduação.

Estabeleceram-se os seguintes procedimentos metodológicos para a análise deste material:

- Visitas periódicas ao arquivo histórico da Escola Politécnica;
- Leituras e fichamentos dos conteúdos dos anuários;
- Imagens fotográficas e digitalização de documentos;
- Encontros com o orientador da pesquisa.

Desenvolvimento das atividades ²

Durante o procedimento de pesquisa foram realizadas as seguintes atividades:

- Visitas regulares ao arquivo histórico da Escola Politécnica para localização e registro de documentos;
- Registros fotográficos dos anuários encontrados;
- Leitura e análise dos discursos encontrados nos anuários;
- Leituras de textos sobre o assunto e sobre os conceitos usados no projeto;
- Reuniões com o orientador, visando tirar dúvidas sobre o projeto e orientação sobre a Pesquisa e leitura de textos e, com isso, ampliar a compreensão dos conceitos.

Resultados

Por meio da análise dos discursos de paraninfos, oradores e diretores, encontrados nos anuários dos anos de 1900 a 1947 da Escola Politécnica de São Paulo, a pesquisa pode nos revelar qual a concepção de si e de sua importância para a sociedade que os gestores, professores e estudantes obtinham durante este período. Entendemos que esses profissionais viam-se como salvadores da sociedade e, ainda, se representavam como guerreiros da nação, tendo como arma a ciência.

² Para consultar o cronograma completo das atividades realizadas, ver anexo II.

Os engenheiros estavam devidamente “esclarecidos” para atuar em todos os aspectos da vida política, econômica, social, cultural, isto porque sua formação permitia o domínio da ciência e seu conhecimento era empírico e, portanto, inquestionável. Nesse sentido, a eles todas as instâncias da vida – de qualquer classe social, elite ou proletária – deveriam se sujeitar (SILVA, 2009: 186).

A missão desses engenheiros, por eles mencionada, seria a de se tornarem líderes, capazes de “transformarem o Brasil em um país grande, poderoso e forte”. Esses profissionais visariam o bem estar da humanidade, pois dominariam a ciência, verdadeira alavanca para o progresso do País.

a ciência era vista como instrumento eficaz para a solução dos problemas, podendo inclusive inserir São Paulo nos circuitos científico-intelectuais nacional e internacional.

Esta concepção a que os engenheiros e estudantes aderiram foi se formando por meio da repetição de discursos de paraninfos e oradores realizados nas formaturas, tornando-se, assim, conceitos e valores expressados numa verdadeira tradição, ou melhor, numa tradição inventada (HOBBSAWM, 1977). Pois, em todos os discursos, podemos ver a repetição dessas imagens e valores, criando nos formandos um forte entendimento do que é ser engenheiro e de qual é o seu papel na sociedade. Essas crenças, criadas por meio de tal repetição, têm um efeito sobre os estudantes que as incorporam, que passam a não só acreditar, como também, propagar tais crenças; isso interfere diretamente na posição que estes se colocam na sociedade e como se comportam diante dela.

Com os anos, as principais concepções que os engenheiros politécnicos tinham de si e de sua importância e relação com o progresso foram se mantendo. Assim, os principais conceitos encontrados durante a pesquisa foram:

- Os alunos de engenharia como guerreiros que deveriam defender a Pátria, a ciência e a liberdade;
- Engenheiros = Guerreiros da Pátria;
- O engenheiro com o objetivo de proteger toda a sociedade;

- A engenharia como solução de problemas;
- O engenheiro como colaborador no progresso da Pátria;
- A formação dos engenheiros objetivando o progresso da Pátria;
- O trabalho do engenheiro como fundamental no progresso da nação;
- A ideia de estudo como uma arma;
- Que a Escola Politécnica visa ao bem estar da humanidade;
- O engenheiro como dominador e criador de toda a ciência.

Identidade Mítica: Símbolos que caracterizam os Politécnicos como homens especiais

A Identidade dos Engenheiros Politécnicos foi se formando ao longo do tempo e se constituindo a partir do modo como estes se viam diante da sociedade. Ao analisar os discursos de oradores e paraninfos, encontrados nos anuários da década de 1890, percebemos que todos trazem as mesmas concepções e, assim, passam a constituir ao longo dos anos uma sólida identidade.

Essa identidade mítica que se criou, constitui o engenheiro como o “guerreiro da Pátria”, uma figura importante que tem como objetivo proteger a sociedade, além de elevar a condição do país, gerando o progresso. Podemos perceber estes conceitos no discurso de Alexandre de Albuquerque, como orador de turma, encontrado no Anuário de 1906, no qual ressalta a importância do engenheiro para a sociedade:

Alistámo-nos nas fileiras da Grande Cruzada, cujo destino é transformar o Brasil de hoje em um país grande, poderoso e forte (Escola Politécnica de São Paulo, 1906: 15).

Eis porque, senhores, os engenheiros de hoje mandaram esculpir em seus escudos guerreiros as seguintes palavras: energia, carácter e trabalho (Escola Politécnica de São Paulo, 1906: 24).

O discurso de Isaac Pereira Garcez, como orador de turma no ano de 1910, traz os mesmos conceitos, enfatizando a missão dos engenheiros:

Nós, - cheios de confiança e de entusiasmos, aguardamos a missão que nos competir para, á medida de nossas forças, colaboramos na obra do engrandecimento da Pátria (Escola Politécnica de São Paulo, 1910: 222).

Percebemos que, mesmo com o passar do tempo, a visão que os engenheiros tinham de si e de sua importância mantinham-se as mesmas e eram retratadas da mesma maneira nos discursos de paraninfos e oradores.

Os engenheiros como homens de caráter, que devem preservar a moral e dignidade da nação, é outro conceito encontrado durante a pesquisa, além de ver a Escola Politécnica como instituição que forma homens dignos e honrados. Podemos observar esse conceito no discurso de paraninfo do Professor Felix Hegg:

A Escola Polytécnica que deixas agora, não é somente o lugar onde se adquirem os conhecimentos técnicos necessários ao exercício da profissão, mas sim também, e sobretudo, o cadinho onde se forma o caráter dos homens que têm o privilegio de por lá passar, e que conscientes de suas responsabilidades e deveres resultantes de suas prerrogativas, sabem se tornar uteis a seus semelhantes e elevar sempre bem alto o conceito da engenharia brasileira (Escola Politécnica de São Paulo, 1935: 62).

O discurso do Dr. Gaspar Ricardo Junior, como paraninfo da turma, também traz o caráter como fator essencial para ser engenheiro:

É, porém, na prática de nossa profissão de engenheiros que, a todo momento, teremos de pôr em acção todas estas energias Moraes, se quisermos desempenha-la com nobreza e eficiência podendo-se afirmar axiomáticamente que nunca será engenheiro aquele que não tiver caráter (Escola Politécnica de São Paulo, 1932: 64).

Outra concepção de permeia a identidade do engenheiro é de ser um homem que sabe enfrentar dificuldades e que possui recursos para melhorar e solucionar os problemas pelos quais a sociedade passa. No anuário de 1932, o diretor Dr. Carlos Gomes de Souza Shalders deixa bem claro esta concepção quando profere a seguinte frase:

Ser engenheiro é ser homem de recursos, não no sentido de ser homem de fortuna, mas no sentido de saber enfrentar uma dificuldade e vencê-la (Escola Politécnica de São Paulo, 1932: 65).

Entendemos, portanto, que a Identidade Mítica dos engenheiros politécnicos formou-se por meio de conceitos por eles mesmos criados. Tais conceitos trazem os engenheiros, principalmente, como:

- Guerreiros da Pátria, homens que iram levar a nação ao progresso e devem defender e honrar o país;
- Homens de caráter, nos quais devem manter a moral e dignidade da sociedade e obter caráter para exercer sua profissão;
- Homens de capazes de enfrentar dificuldades e solucionar problemas, que possuem recursos para melhorar a nação e são capazes de vencer qualquer dificuldade.

Estes símbolos, retratados nos discursos, trazem os politécnicos como homens especiais, que devem ser valorizados, pois são o melhor para a sociedade e podem, com isso, melhorar as condições do país e gerar o progresso.

Progresso e Ciência: Qual a importância dos engenheiros para a sociedade.

Os discursos analisados enfatizam a importância dos engenheiros para a sociedade e, principalmente, para o progresso. Estes são vistos como detentores da verdade ciência e possuidores do conhecimento; são, também, retratados como homens que, com o seu trabalho, irão proteger a nação.

Malta Cardoso ressalta a nobreza da profissão dos engenheiros e sua missão, por intermédio da ciência, na seguinte fala:

Nobre, a missão dos engenheiros, esse incansáveis intermediários entre a ciência e a natureza, marcha na vanguarda da intelectualidade humana, na árdua tarefa de orientá-la na direção do progresso (Escola Politécnica de São Paulo, 1907: 83).

A relação que os Politécnicos tinham com o progresso vem do modo como entendiam sua profissão e sua importância para a sociedade. Ao longo dos discursos analisados, percebemos que todos vêem a engenharia como alavanca para o progresso, e que, por intermédio da ciência, os engenheiros deveriam proteger a pátria.

Percebemos essa importância no discurso de orador da turma de Alexandre de Albuquerque:

Alistámo-nos nas fileiras da Grande Cruzada, cujo destino é transformar o Brazil de hoje em um paiz grande, poderoso e forte (Escola Politécnica de São Paulo, 1906: 15).

Essa “missão” que os engenheiros possuem perante a sua profissão, tão retratada em diversos discursos ao longo dos anos, pode ser resumida no discurso do orador dos engenheiros agrônomos:

Em summa, daqui saímos capazes de elevar o Brazil à altura a que tem direito, collocando a nossa industria ao lado da industria agrícola norte-americana ou ao lado da chimica alleman, indo buscar no estudo das sciencias agronômicas, complementos das sciencias naturaes, os elementos precisos para pleno conhecimento da natureza (Escola Politécnica de São Paulo, 1903: 159).

Dentro desta concepção, que os engenheiros tinham de sua importância, eles levariam o país ao progresso e eram guerreiros da pátria, viam a ciência como arma. Assim retrata o discurso do estudante Raul de Queiroz Telles:

Pois bem, Collegas, reunamo-nos sob o estandarte luminoso da sciencia, munido com o estudo como armas, tendo a pátria por principio e a liberdade como guia, palmilhemos resolutos a senda escabrosa da vida pratica, não permitindo jamais que sobre nós, por um momento sequer, paire o abutre negro do desalento (Escola Politécnica de São Paulo, 1901: 288).

Em termos gerais, os engenheiros entendiam a ciência como “arma” para o progresso, além de se considerarem detentores do verdadeiro saber. Ataliba Valle assim expressa a relação dos engenheiros com a ciência:

O engenheiro domina o campo todo da sciencia, fixando as relações entre as generalidades especulativas e as generalidades praticas. Dão uma idéia nítida do seu destino, os trabalhos de Monge, firmando uma theoria geral das artes de construcção, pela generalização dos methodos da Geometria Descriptiva.

A especialização pratica do engenheiro não merece a accepção grosseira do termo, porque Ella molda-se nas linhas elevadas daquelle grande scientista.

É este o character de nossa Escola, nella o estudo pratico é feito, generalizando-se os methodos de applicação e estabelecendo-se as relações dos factos entre si, de causalidade e analogia ou das leis dos phenomenos naturaes (Escola Politécnica de São Paulo, 1905: 140).

Portanto, quando tratamos do progresso e da ciência e os relacionamos com os engenheiros politécnicos, podemos perceber, por meio dos discursos analisados, que estes se viam como detentores de todo o saber verdadeiro e tinham a ciência como fundamental, na qual a Escola Politécnica de São Paulo transmitia a verdade absoluta. O progresso, por conseguinte, era sua missão, por meio de seu trabalho; com a ajuda dos conhecimentos adquiridos, os engenheiros iriam progredir com o país, melhorando e protegendo a sociedade.

Considerações Finais

Conclui-se nesta pesquisa de Iniciação Científica, desenvolvida na Faculdade de Educação da USP, que a visão dos engenheiros e estudantes politécnicos sobre si estava inteiramente ligada à visão de sua própria importância com o progresso da nação. Estes se viam como guerreiros da pátria que iriam levar o país ao progresso, melhorando suas indústrias e construções, além de terem o maior conhecimento da ciência e de suas verdades.

Na defesa da modernização da indústria, das relações e da organização do trabalho subentendia-se a sobrepujança dos limites do homem, sujeitando a natureza em seu proveito. O progresso significava, então, o caminho inevitável em direção ao bem-estar social, por meio do aumento da produção da riqueza, proporcionado pelo aprimoramento de técnicas. Paula Souza condensava esses propósitos: Sendo então a indústria a materialização suprema do esforço pela criação de riquezas, defender a indústria nacional era o mesmo que aludir ao progresso, à evolução dos costumes e à civilização tão almejados (TURAZZI, 1989: 80).

Portanto, a atual concepção existente sobre a classe dos engenheiros e a Escola Politécnica foi constituída historicamente a partir da visão que estes tinham de si mesmos e de sua importância. A construção destes mitos e tradições elevou a importância que se atribui aos engenheiros, valorizando seu trabalho e, ainda, fazendo com que estes tenham um maior prestígio perante a sociedade. Assim, partindo destes resultados, podemos melhor entender a origem dos mitos e tradições que permanecem, até hoje, entre os professores e estudantes da Poli.

Com o trabalho de campo desenvolvido nesta pesquisa e, por meio do contato com os materiais disponíveis no Arquivo Histórico da Escola Politécnica, pude aprimorar minha formação acadêmica e de pesquisadora, não só no âmbito de conhecimentos ligados diretamente ao tema do projeto, mas também na realização de uma pesquisa acadêmico-científica.

A oportunidade de entender a atual posição ocupada pelos engenheiros no Brasil, por meio da análise de discursos, me proporcionou um melhor entendimento no âmbito da história da educação e, principalmente, da história da Universidade de São Paulo, além dos motivos pelos quais a Escola Politécnica e os engenheiros ali formados são tão valorizados atualmente.

Outro grande conhecimento que a Iniciação Científica me proporcionou foi o de melhor entender como se constituem mitos e tradições inventadas e como isto interfere na representação das pessoas em relação à determinadas profissões e instituições.

Em termos gerais, concluo que entender a visão que os engenheiros tinham, historicamente, de si e sua importância profissional e social, nos ajuda

a entender a atual condição destes perante a sociedade, sua valorização e importância. Com isso, a pesquisa realizada enriqueceu, também, minha formação em relação à investigação científica e ao tratamento dos conteúdos e métodos de uma pesquisa.

Referências bibliográficas

BONTEMPI Jr., B. *O espírito decretado e os outros espíritos: tradições e mitologias conflitantes na Universidade de São Paulo (1934-1968)*. Projeto de Pesquisa. USP/CNPq/FAPESP, 2010, 14p.

ESCOLA POLITÉCNICA DE SÃO PAULO. *Anuário*. São Paulo: EPUSP, 1901.

ESCOLA POLITÉCNICA DE SÃO PAULO. *Anuário*. São Paulo: EPUSP, 1903.

ESCOLA POLITÉCNICA DE SÃO PAULO. *Anuário*. São Paulo: EPUSP, 1905.

ESCOLA POLITÉCNICA DE SÃO PAULO. *Anuário*. São Paulo: EPUSP, 1906.

ESCOLA POLITÉCNICA DE SÃO PAULO. *Anuário*. São Paulo: EPUSP, 1907.

ESCOLA POLITÉCNICA DE SÃO PAULO. *Anuário*. São Paulo: EPUSP, 1910.

ESCOLA POLITÉCNICA DE SÃO PAULO. *Anuário*. São Paulo: EPUSP, 1932.

ESCOLA POLITÉCNICA DE SÃO PAULO. *Anuário*. São Paulo: EPUSP, 1935.

MOI, CLAUDIA. “Homens de ciência: a atuação da elite letrada na cidade de São Paulo na criação da Comissão Geográfica e Geológica”. *Cordis. Revista Eletrônica de História Social da Cidade*. Disponível em: <www.pucsp.br/revistacordis>

NAGAMINI, M.; MOTOYAMA, S. Victor da Silva Freire: Engenheiros de São Paulo e a Influência Francesa. In: Hamburger, A. et al. (org.) *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp, 1996, p.189-204.

NAGAMINI, M.; MOTOYAMA, S. CNPq e CNRS: duas histórias numa perspectiva comparada. In: Hamburger, A. et al. (org.) *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp, 1996, p.331-335.

SILVA, T.S., *Paula Souza, "arauto da modernidade". Um estudo da elite paulista (1843-1917)*. Tese de Doutorado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

SOUZA, A. C. R., *Escola politécnica e suas múltiplas relações com a cidade de São Paulo 1893-1933*. Tese de Doutorado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

TURAZZI, Maria I. *A euforia do progresso e a imposição da ordem: a engenharia, a indústria e a organização do trabalho na virada do século XIX ao XX*. Rio de Janeiro: COPPE, São Paulo: Marco Zero, 1989.

ANEXO I

Lista dos anuários e discursos analisados

Anuário de 1901:

Discurso do orador de turma, o engenheiro Raul de Queiroz Telles.

Discurso do diretor da Escola Politécnica de São Paulo, Dr. Paula Souza

Anuário de 1902:

Discurso do representante da Congregação, Dr. Alvaro de Menezes.

Discurso do orador de turma, o engenheiro Gabriel Penteado.

Anuário de 1903:

Discurso de orador de turma dos engenheiros civis (Não á o nome do aluno).

Discurso de orador de turma engenheiros agrônomos (Não á o nome do aluno).

Anuário 1905:

Discurso do Dr. Atalaba Valle

Discurso de orador de turma, o engenheiro Sr. Alfredo Penna

Discurso do Dr. Rodolpho B. de S. Thiago

Anuário de 1906:

Discurso do Dr. Paula Sousa

Discurso do Dr. Silva Felles

Discurso do Dr. José Brand de Carvalho

Discurso do Dr. Victor da Silva Freire

Discurso de orador da turma, Alexandre de Albuquerque.

Anuário de 1907:

Discurso de Paraninfo, Dr. J. Brand de Carvalho

Discurso de Malta Cardoso

Anuário de 1908:

Discurso do Dr. Paula Sousa

Discurso do Dr. Silva Felles

Discurso do Dr. José Brand de Carvalho

Discurso do Dr. Victor da Silva Freire

Anuário de 1909:

Discurso de orador da turma, o engenheiro José Maria de Toledo Malta.

Discurso do Dr. Paula Sousa

Discurso do Dr. Silva Felles

Discurso do Dr. José Brand de Carvalho

Anuário de 1910:

Discurso de orador de turma, Pereira Garcez.

Anuário de 1932:

Discurso de paraninfo, Dr. Gaspar Ricardo Junior

Discurso do diretor, Dr. Carlos Gomes de Souza Shalders

Discurso de Orador ,Francisco Ribeiro Junior

Anuário de 1934:

Discurso de Paraninfo Professor Alexandre Albuquerque

Discurso de Orador Henrique Chabassus

Anuário de 1935:

Discurso de Paraninfo Professor Felix Hegg

Anuário de 1937:

Discurso do vice-diretor da Escola Politécnica de São Paulo, Clodomiro Pereira da Silva.

Discurso de Paraninfo, Professor Fonseca Talles

Discurso de orador da turma, Guilherme Zaidan.

Anuário de 1938:

Discurso de orador da turma, Valencio Augusto de Barros Netto
Discurso do Dr. Alexandre.

Anuário de 1946:

Discurso do Sr. Fernando Costa

Discurso do Professor Jorge Americano

Discurso do Dr. Adriano Marchini

Discurso do Professor Paulo Guimarães de Fonseca

Anexo II

Desenvolvimento das atividades

02/10/11 – Envio, por e-mail, do requerimento para autorização da realização da leitura e análise dos anuários ao diretor da Escola Politécnica.

04/10/11 – Recebimento da autorização para a análise dos documentos do arquivo da Escola Politécnica. Prof. Dr. José Roberto Cardoso, Diretor da EPUSP

06/10/11 – Leitura de textos básicos para a pesquisa documental.

11/10/11 – 10h às 12h30 – Visita ao arquivo da Escola Politécnica. Análise de todos os documentos que o arquivo contém, catalogando-os por tipo de documento e data de publicação.

18/10/11 – 10h às 12h30 – Visita ao arquivo da Escola Politécnica. Término da catalogação dos documentos e início da análise do anuário do ano de 1901.

25/10/11 – 10h às 12h30 – Visita ao arquivo da Escola Politécnica.

Termino da análise do anuário de 1901 e início do ano de 1902.

03/11/11 – 10h às 12h30 – Visita ao arquivo da Escola Politécnica. Análise dos discursos do anuário de 1902.

04/11/11 – Organização do material coletado.

08/11/11 – 9h30 às 12h30 – Visita ao arquivo da Escola Politécnica. Análise do anuário do ano de 1903.

22/11/11 – 9h30 às 12h – Visita ao arquivo da Escola Politécnica.
Análise do anuário do ano de 1905.

29/11/11 – 10h30 às 12h – Visita ao arquivo da Escola Politécnica.
Termino da análise do anuário de ano 1905.

09/02/12 – 13h às 14h30 – Reunião com o Professor Bruno e a doutoranda Carolina Mostaro para orientação.

11/02/12 – Revisão do material pesquisado até o momento.

13/02/12 – Leitura de livro e textos para a elaboração do relatório parcial.

15/02/12 – Início da elaboração do relatório parcial.

28/02/12 – 9h30 às 12h – Visita ao arquivo da Escola Politécnica. Digitalização dos anuários de 1906, 1907, 1908 e 1909.

29/02/12 – Envio ao professor da 1ª versão do relatório parcial.

07/03/12 – Envio ao professor da 2ª versão do relatório parcial.

11/03/12 – Envio ao professor da 3ª versão do relatório parcial.

14/03/12 – Modificação do relatório parcial.

21/03/12 – Envio ao professor da 4ª versão do relatório parcial.

23/03/12 – Envio ao professor da ultima versão do relatório parcial.

30/03/12 – Entrega do Relatório Parcial.

26/04/12 – 9h30 às 12h – Visita ao arquivo da Escola Politécnica. Digitalização dos anuários de 1910, 1911e 1912.

01/05/12 – Análise do anuário de 1910.

02/05/12 – Análise dos anuários de 1911 e 1912.

30/05/12 – 9h30 às 12h – Visita ao arquivo da Escola Politécnica. Digitalização dos anuários de 1932, 1933 e 1934.

31/05/12 – 9h30 às 12h – Visita ao arquivo da Escola Politécnica. Digitalização dos anuários de 1935, 1936, 1937, 1938, 1946 e 1947.

05/06/12 – Análise dos anuários de 1932 e 1933.

13/06/12 – Análise dos anuários de 1934 e 1935.

20/06/12 – Análise dos anuários de 1936, 1937 e 1938.

04/07/12 – Análise dos anuários de 1946 e 1947.

16/07/12 – Início da elaboração para o relatório final.

18/07/12 – Reunião com o professor para orientações.

De 23/07/12 a 08/08/12 – Elaboração do relatório final.

12/08/12 – Envio ao Orientador da primeira versão do relatório final.

15/08/12 – Envio ao Orientador da segunda versão do relatório final.

19/08/12 - Envio ao Orientador da terceira versão do relatório final.

21/08/12 – Entrega do Relatório Final.

De 05/12/12 a 29/01/13 – Elaboração da segunda versão do relatório final.